

BERTINO DACIANO R. S. Guimarães

Prof. da Escola Comercial de Mousinho da Silveira
Director do Instituto de Cegos do Porto

A PROPÓSITO
DO
PIANISTA E COMPOSITOR
MIGUEL ÂNGELO PEREIRA

(1843 - 1901)

EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL
DE
BARCELOS
MCMXLIII



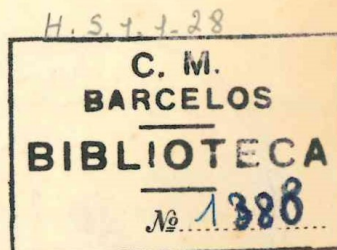
BERTINO DACIANO R. S. Guimarães

Prof. da Escola Comercial de Mousinho da Silveira
Director do Instituto de Cegos do Porto

C. M. B.
BIBLIOTECA

A PROPÓSITO
DO
PIANISTA E COMPOSITOR
MIGUEL ÂNGELO PEREIRA

(1843 - 1901)



16.3.11
Barcelone
Pereira

EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL
DE
BARCELOS
MCMXLIII



COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS

DO MESMO AUTOR :

- *Dicionário de Abreviaturas mais usadas na Língua Inglesa*, 1921.
- *Uma campanha a favor do poeta quinhentista Sá de Miranda*, 1921-1922.
- *Caridade* (Novela), 1923 (Folhetim do «Comércio do Pôrto»).
- *Amando* (Novela), 1924 (ibid.).
- *Alvorada de amor* (Esboço para um romance), 1925 (ibid.).
- *Commercial English Reader*, 1925.
- *O Ensino das Línguas nas Escolas Técnicas Portuguesas de Grau Elementar*, 1926.
- *O Minho panorâmico, histórico e tradicional*, 1926.
- *A Língua Portuguesa e a Música e a Música na sua relação Filológica*, 1928.
- *Um artigo de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos não incluído na sua bibliografia organizada pelo Dr. Gerard Moldenhauer*, 1932.
- *Inácio Aires de Azevedo, músico em Leiria*, 1932 (Separata de «Orfeu»).
- *Lucien Lambert (esboço crítico-biográfico)*, 1932.
- *Leiria Artística*, 1933 (Folhetim da «Linha Geral»).
- *Algumas palavras sobre Salvini e sobre duas obras inéditas da sua autoria*, 1933 (Separata da «Arte Musical»).
- *Bibliografia musical de Gustavo Romanoff Ruzitschka (G. R. Salvini) (1825-1894)*, 1933 (Separata da «Arte Musical»).
- *Bibliografia musical de César Augusto Pereira das Neves (1841-1920)*, 1934 (Separata da «Arte Musical»).
- *Vade-mecum do Estudante*: I — *Quadro auxiliar do estudo dos verbos franceses*, 1933; II — *Quadro sinóptico da Literatura Portuguesa*, 1934.
- *Bibliografia musical de Lucien Lambert*, 1937 (Separata da «Arte Musical»).
- *Algumas considerações sobre a educação moral e intelectual da mulher*, 1942.
- *A propósito do pianista e compositor Miguel Ângelo Pereira (1843-1901)*, 1943.

EM PREPARAÇÃO :

- *Grande Dicionário Braquiográfico*.
- *Estudos Gramaticais*: I — *Fonética, morfologia, sintaxe e história das línguas francesa e portuguesa (Gramática Comparada)*.

Conferência

realizada na noite de 29 de Abril de 1943

no Salão Nobre

do

CLUBE FENIANOS PORTUENSES

Agradecimento

Pelo auxílio prestado na organização dêste trabalho, cumpre-me deixar aqui consignado o mais vivo agradecimento às *Ex.^{mas} Senhoras D. Tereza Amaral, D. Maria Luísa Pádua Alves de Magalhães, D. Maria Augusta Santos Fontes, D. Albertina Bessa Cardoso Soares, D. Eduarda Borges de Aguiar*, e aos *Ex.^{mos} Senhores Dr. Costa Carregal, José de Brito, José Adão Rodrigues de Pinhal, Júlio Brandão, António Silva, P.^o Luís Rodrigues, Francisco Gomes Correia, Eduardo da Fonseca Júnior, Mário da Silva Moura, e Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima*.

Desejo igualmente patentear a minha gratidão aos distintos Professores *J. F. de Albuquerque e Castro e Fernando Lamares Magro* pela maneira como organizaram a parte musical que ilustrou o meu trabalho, e bem assim às *Ex.^{mas} Senhoras D. Alexandrina Castagnoli de Brito e D. Albertina Rezende da Silva Andrade*, e aos *Ex.^{mos} Senhores Armando Teixeira, Eng.^o João Gouveia, Dr. Casimiro de Carvalho, e Prof. Joaquim Neves*, pelo brilho que, com a sua arte e o seu talento, imprimiram a esta homenagem póstuma a Miguel Ângelo.

Agradeço ainda à *Ex.^{ma} Câmara Municipal de Barcelos* a honra que me concedeu, mandando imprimir o presente trabalho.

NO DIA 3 DE MAIO DE 1943,
ÀS 11 HORAS,
A CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS,
DA PRESIDÊNCIA
DO
EX.^{MO} SR. DR. ALEXANDRE DE SÁ CARNEIRO,
INAUGUROU UMA LÁPIDE
NA CASA ONDE NASCEU MIGUEL ÂNGELO PEREIRA,
DANDO TAMBÉM O NOME DÊSTE ARTISTA
À RUA
ONDE ESSA CASA SE ENCONTRA.
PRONUNCIOU ALGUMAS PALAVRAS, APÓS O DESCERRAMENTO DA LÁPIDE
NA REFERIDA CASA (*),
O ILUSTRE VEREADOR DA MESMA CÂMARA,
EX.^{MO} SR. DR. ASCENSÃO CORREIA.

(*) O descerramento desta lápide foi feito pela neta do homenageado — *Ex.^{ma} Senhora Dona Ernestina Ângelo Pereira Vilas.*

SUMÁRIO.

I—Algumas considerações sôbre o nosso património artístico musical. II—Urgente necessidade dum minucioso inventário. III—Actividade artística portuense de há meio século, e benéfica influência dum músico barcelense. IV—Miguel Ângelo Pereira e a sua obra. V—Compositores e poetas, alguns hinos comemorativos, patrióticos e laudatórios. VI—A biblioteconomia musical portuguesa.

MIGUEL ÂNGELO PEREIRA não é um desconhecido no meio artístico nacional, e há ainda na cidade do Pôrto quem tenha sido seu discípulo, e quem tenha ouvido, pelo menos, a ópera «Eurico» e a «Cantata a Luís de Camões»; mas, achando-se dispersa tôda a sua obra, torna-se difícil elaborar, como conviria, um estudo meticoloso a seu respeito.

Não hesito, porém, em afirmar que se trata dum pianista e compositor que sôbre-modo se distinguiu entre nós, já porque diversos escritores e artistas seus contemporâneos lhe teceram elogios, já porque algumas indagações que fiz me habilitam também a proclamar os seus méritos.

Além de tudo o mais, falar de música é tarefa necessária num País, como o nosso, em que ainda não existe verdadeiro gôsto por esta arte, em que mais se acreditam os inventores e intérpretes melódicos do fado do que os artistas cultos e sérios, e em que «o rótulo de *nacional*», nas obras de arte como nas da indústria, ainda não é das melhores recomendações (para me servir da afirmação ousada de Andrade Ferreira) ⁽¹⁾ . . .

Críticos, sim: êsses não faltam, embora sejam em pequeno número os que sabem fazer crítica imparcial, austera, consciente; aquela crítica que não tem por único objectivo destruir ou louvar, antes fornecer ao público e até ao artista a noção exacta do valor duma obra.

Não falo em crítica ou em críticos que não recorde um grande nome das letras pátrias — Ramalho Ortigão — corajoso autor de «O culto da arte em Portugal» ⁽²⁾, que, sem se referir directamente à música no citado livro, define, pelo menos, com insuspeita autoridade, o que é a *Crítica* de qualquer arte, salientando a necessidade de difundir e aprimorar a educação artística no nosso País, e de pôr côbro ao deplorável desrespeito que tantas vezes revelamos ainda por certas obras e seus autores. Desgraçadamente — diz o grande crítico — «em resultado de não termos uma história geral da arte portuguesa, devidamente sistematizada e inteligentemente

⁽¹⁾ Cf. «Litteratura, Musica e Bellas-Artes», Vol. II, 1872, pág. 263.

⁽²⁾ 2.^a ed., s. d.

documentada em cada um dos seus capítulos, vemos grassar não só entre o vulgo mas entre pessoas de saber, incumbidas de guiar e de reger a opinião, o êrro criminoso, profundamente desmoralizante, de que somos um povo inestético, incapaz de concepções artísticas originais » (1).

Mais afirmava Ramalho não existir — e ainda hoje teriam justificação as suas palavras —, nem na poesia, nem na pintura, nem na música, uma « escola portuguesa » por falta de união entre os artistas, por falta de elementos coordenados de estudo, por falta de modelos patentes, por falta de lição comum, por não haver, emfim, « entre êles mutuamente, nem entre êles e o povo de que derivam, comunhão alguma de ideal ou de sentimento » (2).

Entre nós, no campo musical, a crítica séria e a investigação quasi se podem considerar nulas; está, a bem dizer, por inventariar o nosso património artístico musical, e andam dispersas por arquivos nacionais e estrangeiros, públicos e particulares, muitas obras de real valor.

Isto mesmo eu verifiquei, ao dar balanço à nossa actividade musical dos últimos anos, durante umas curtas férias passadas longe do bulício da cidade, não sendo difícil calcular o prazer que senti, ao entregarem-me as seguintes obras que li e analisei com interêsse crescente: « A Música em Portugal nos séculos XVIII e XIX » (3), n.º 3 das « Achegas para a História da Música em Portugal », e « A Polifonia Clássica Portuguesa — Transcrição, em notação moderna, de trechos dos mais notáveis dos séculos XVI e XVII » (4).

A primeira é da autoria de Mário de Sampaio Ribeiro, de quem, já na parte publicada do meu esboço duma *Bibliografia musical portuguesa*, indiquei diversos trabalhos. Fi-lo também na segunda parte da mesma *Bibliografia* a publicar dentro em breve, e, no Apêndice que agora preparo para complemento dos trabalhos anteriores, igualmente terei de incluir mais êste bosquejo de história crítica, que, na minha opinião, é interessante pela maneira desassombrada como o autor se refere ao valor de alguns artistas, após uma análise directa das respectivas obras. Acompanhado, além disso, de abundantes notas, muitas delas respigadas em velhos cartapácios, êste estudo constitui óptima contribuição para o conhecimento da música dos séculos XVIII e XIX.

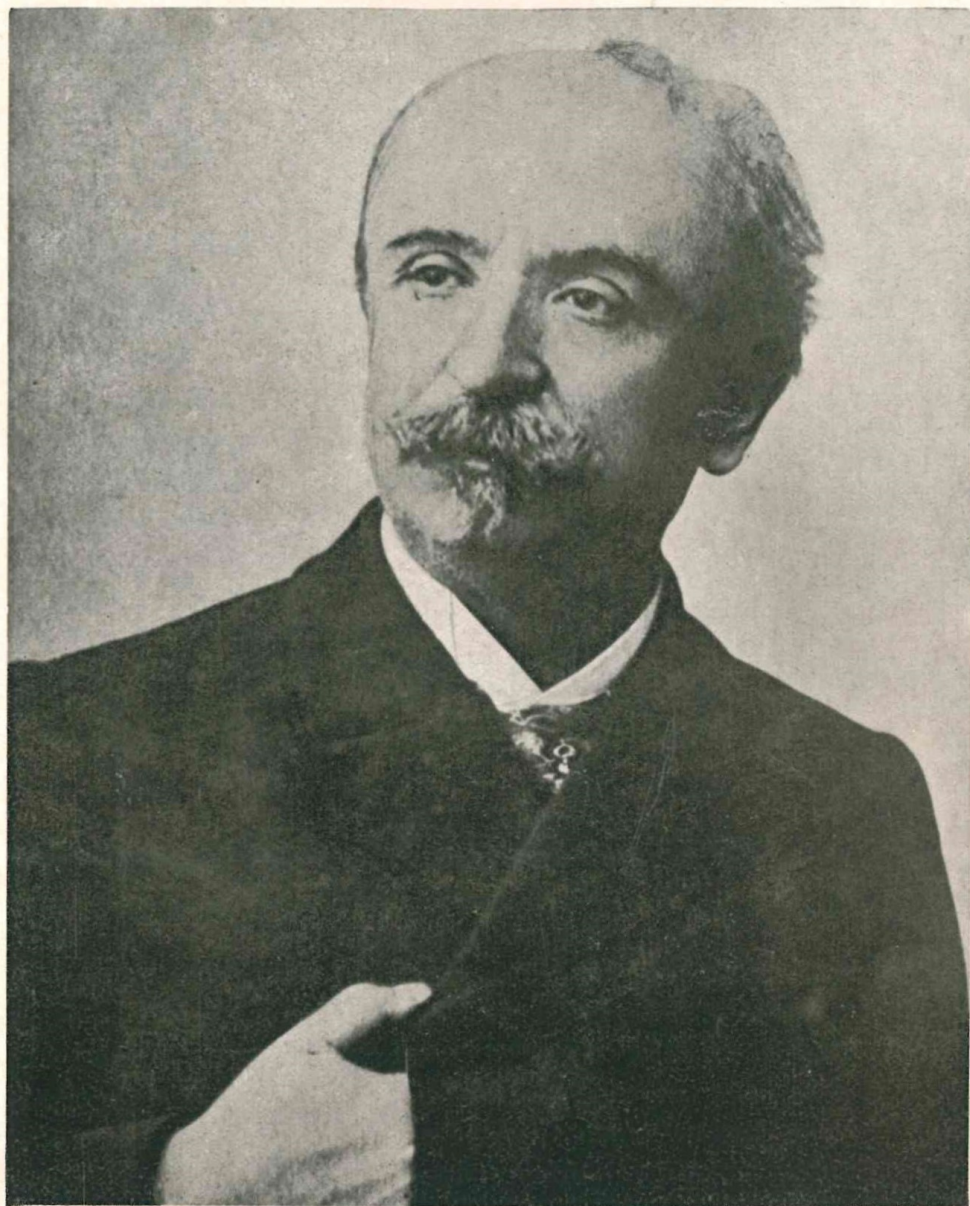
A « Polifonia Clássica Portuguesa » é de Júlio Eduardo dos Santos — trabalho valioso, sem dúvida, que outros meios artísticos, mais talvez que o nosso, acolherão com vivo e justificado interêsse.

(1) Op. cit., pág. 124.

(2) Op. cit., pág. 126.

(3) Lisboa, 1938.

(4) Lisboa, 1937.



August August.

(27 de Janeiro de 1843 † 1 de Fevereiro de 1901)

Cliché do Ex.^{mo} Sr. António Silva

Gravura dos Ex.^{mos} Srs. Simão Guimarães, Sucrs.

E agora, como coroação do esforço aturado de muitos anos, porventura como compensação de fundos desgostos, surge o « Cancioneiro Musical e Poético da Biblioteca Pública Hortência » (1), com prólogo, transcrição e notas do Snr. tenente Manuel Joaquim, músico distintíssimo, antigo chefe da Banda Militar de Viseu e bolsheiro do Instituto para a Alta Cultura.

Fará uma idea das canseiras do distinto investigador para o estudo dêste *cancioneiro*, onde há produções do século xv e xvi, quem ler os períodos seguintes do Prólogo: « As notas relativas à parte poética são, na sua maioria, produto das investigações feitas na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora e na Biblioteca Nacional de Lisboa; mas, quanto à música, das fontes que mais desejei consultar, sòmente vi, na Biblioteca Nacional de Lisboa, a espécie — *No piensè q̃ a d'acabar*.

« Baldadamente procurei as obras impressas dos madrigalistas Pedro Alberto Vila, João Brudieu, Mateus Flecha, e João Vasquez; dos *vihuelistas*, à parte Luís Milan e Estêvão Daza, alfa e ómega do brilhante período da *vihuela*, as fichas das bibliotecas, onde pesquisei, não registam os nomes de Luís de Narváez, Afonso de Mudarra, Henriques de Valderábano, Diogo Pisador e Miguel de Fuenllana.

« Nas muito preciosas e raríssimas obras dêstes notáveis artistas estão arquivadas algumas poesias não recolhidas nos *Cancioneiros* peninsulares e por esta razão impunha-se cuidadoso exame a tóda a bibliografia dêste género. Bem poucas vezes terá sido lamentada, tam sentidamente como eu o fiz, a perda da *Livraria de Música* de D. João IV, onde todos estes autores, com excepção de Mudarra, tiveram lugar! » (2).

Depois de tantos e tam porfiados esforços, o Snr. tenente Manuel Joaquim enriqueceu a Literatura Musical Portuguesa com uma colectânea preciosa de melodias arcaicas, por êle postas em partitura, para regalo dos amadores de boa música, ao mesmo tempo que deu aos estudiosos do nosso País uma lição da mais admirável tenacidade e do mais acrisolado patriotismo (3).

(1) Coimbra, 1940 (Edição subsidiada pelo Instituto para a Alta Cultura).

(2) Pág. 14.

(3) Seria injustiça não citar o « Cancioneiro Minhoto » (*) do falecido Prof. Gonçalo Sampaio — obra minuciosamente compilada, que vem prestar relevantes serviços no conhecimento da música do povo, e dada à estampa por um grupo de alunos e amigos. Lastimo, contudo, que não se tivessem elaborado, para o referido Cancioneiro, algumas notas especiais sôbre a música e a letra das canções do povo, além das que acompanham a presente edição, já conhecidas através doutros trabalhos, e que mais enriquecessem a literatura existente sôbre esta espécie de música, na investigação da qual, além do falecido professor, poucos mais nomes haverá a registar.

(*) 1940.

Lá vão aparecendo, enfim, no meio desta enervante apatia artística, algumas tentativas de valor, juntando-se aos benéficos esforços dos falecidos investigadores Joaquim de Vasconcelos, Ernesto Vieira, Sousa Viterbo, a favor da História da Música no nosso País, os dos autores das obras atrás referidas, que reúnem à cultura literária e histórica os conhecimentos técnicos necessários. E melhor seria, se o Governo se dignasse formar uma Comissão constituída por aquêles investigadores que, no nosso País, mais se têm dedicado ao assunto, para, em conjunto, ou cada um em separado, sem limite de tempo, e com tôdas as facilidades e autorizações necessárias, percorrerem os arquivos e bibliotecas do País, fazerem o inventário e a análise cuidadosa das obras existentes, estabelecerem contacto com os arquivos estrangeiros, etc.

Fixado por êles próprios, e superiormente aprovado, o plano geral da sua actuação, sem melindres pessoais de qualquer espécie, tenho a certeza de que realizariam trabalho sério, proveitoso, no vasto e quasi explorado campo da musicologia nacional.

Essa comissão reuniria, além disso, o material de composição digno de ser conhecido, o Estado o faria imprimir, para fins escolares ou de investigação, em antologias especiais, e as orquestras e massas corais portuguesas promoveriam concertos retrospectivos e históricos, que reputo de beleza e utilidade incontestáveis.

Aqui fica o alvitre. Se não tiver utilidade ou não fôr exequível, tanto melhor para os mamíferos roedores dos mofentos arquivos, que na arte do passado encontrarão, sem dúvida, o mais lauto e sávido repasto!...

Se, pelo contrário, tiver realização a obra de pesquisa a que aludo, rehabilitar-se-ão muitos artistas. Saídos novamente da sombra em que a ignorância dos homens há muito os lançou, darão aos artistas de hoje a lição magnífica do seu esforço em prol duma das mais nobres e belas das artes.

Está, precisamente, no número dêsses artistas Miguel Ângelo Pereira, de cuja obra havia muito que aproveitar para os referidos concertos históricos e antologias musicais, pois que, além de trechos de música sacra, de dramas líricos como «Eurico» (*Il Cavaliere Nero*), «Zaida» e «Avalanche», deixou-nos algumas composições para piano e para canto, de música de câmara, e sinfónica, segundo a lista inserta numa interessante brochura do Snr. Joaquim Leitão ⁽¹⁾, a qual contém a conferência por êste

⁽¹⁾ *Deuses do Lar — I. O Maestro Miguel Angelo*, 1916. Êste livro contém uma biografia detalhada de Miguel Ângelo. O Sr. Joaquim Leitão escreveu outra biografia do Mestre no «Guia Illustrado de Barcelos». Igualmente se lhe refere o Dicionário «Portugal», compilado por Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues (págs. 603 e 604), a revista «Brasil-Portugal» de 1 de Março de 1901, a revista «Sombra e Luz»



CASA ONDE NASCEU MIGUEL ÂNGELO PEREIRA
EM BARCELINHOS

(Nela se vê a placa comemorativa do Centenário de Miguel Ângelo,
oferecida pela Câmara Municipal de Barcelos).
É o prédio N.º 46-48 (*) da Rua de José Falcão, antiga Rua de Baixo.
Nesta mesma casa nasceu outro músico de merecimento: DOMINGOS CARREIRA
(1865 † 1938)

Cliché do Ex.^{mo} Sr. António Silva

Gravura dos Ex.^{mos} Srs. Simão Guimarães, Sucrs.

(*) Hoje pertencente ao Ex.^{mo} Sr. Mário Nórtón.

proferida no Teatro Águia de Ouro, do Pôrto, em 15 de Maio de 1916, num concêrto de homenagem póstuma àquele compositor (1).

Graças ao meu Ex.^{mo} Amigo Sr. Dr. Costa Carregal, pude ler o programa dêste concêrto, programa que me permitiu avaliar, pela categoria das obras executadas, a fôrça do talento musical de Miguel Ângelo, e compreender o prestígio artístico que entre nós êle chegou a conquistar.

A leitura dêsse programa permitiu-me, ao mesmo tempo, recordar figuras hoje já desaparecidas, como *Ernesto Maia*, *Moreira de Sá*, *Nicolino Milano*, e outros.

Entre os números do programa figuravam as seguintes composições de Miguel Ângelo: «Adamastor», sinfonia, que foi executada a 6 pianos, por *Luís Costa*, *Moreira de Sá*, *Ernesto Maia*, e pelos filhos do autor — *Raúl*, *Américo* e *Vergílio*, e a «Cantata a Luís de Camões», — n.º 7 — *Final*, còro de 50 vozes com acompanhamento de 6 pianos e de órgão Mustel, sob a direcção de Vergílio Ângelo . . . Indicava também o programa a *Fantasia Heróica*, que devia ser executada a 4 pianos por Ernesto Maia, Óscar da Silva, Américo Ângelo e Vergílio Ângelo (2).

Cantaram alguns trechos do mesmo autor: *D. Albertina Rezende* («Canção de Abdallah»), *D. Stela da Cunha* («Canção de Abril», «C'era

(Outubro de 1900), págs. 142-144, esta última pela pena de Firmino Pereira, etc. «O Comércio do Pôrto» de 9 de Janeiro de 1942 inclui uma reportagem de Jaime Ferreira sobre «Miguel Ângelo, o grande músico português do século XIX», e, no dia 27 de Janeiro de 1943, a propósito do centenário do nascimento do artista, publicou várias notas bio-bibliográficas êste mesmo jornal, assim como «O Primeiro de Janeiro». Dedicou-lhe também, na mesma altura, merecidas palavras de homenagem o jornal «O Barcelense», e a «Vida Mundial Ilustrada», ano II, N.º 89, de 28 de Janeiro de 1943.

(1) Em «O Primeiro de Janeiro» de 9 de Fevereiro de 1901 fala-se também dum concêrto a realizar em 1 de Março daquele ano, organizado por Moreira de Sá, em benefício da viúva de Miguel Ângelo, concêrto em que colaboraria a amadora *D. Isabel Leite*, irmã do Sr. Dr. Duarte Leite; e, em número anterior do mesmo jornal (29 de Janeiro), igualmente se fala duma reunião, na casa Moreira de Sá, promovida pelo compositor e pianista *Artur Ferreira*, para tratar de acudir à miséria em que já vivia o artista, que pouco tempo antes havia perdido o uso da razão.

(2) A 3.^a parte do programa não teve execução por ser já demasiado tarde. Executou-se apenas o último número, isto é, o Final da «Cantata a Luís de Camões», com letra de Francisco Bernardo Braga Júnior:

.
Não ! A Pátria vive ainda
Da tua glória ingente,
E a sua voz potente
Celebra o seu cantor !
.

una volta il sultan» e «Preghiera»), *José de Brito* («Vi parlaron per mia voce»), e *Raúl Ângelo* («Un di, Toledo altera» e «Aria da Tempestade»).

Figuravam ainda no programa os nomes de Joaquim Vieira Pinto e Mário Vergé.

¿ Quem foi, afinal, Miguel Ângelo Pereira? Di-lo Júlio Neuparth no seu livro «Os grandes períodos da música»: «Pianista consumado e compositor de subido mérito» (1).

Natural de Barcelos, ou melhor de Barcelinhos (2), veio cedo para o Pôrto, donde, acossado por sérias dificuldades da vida, e ainda criança, abalou para o Brasil a juntar-se a seu Pai, também músico (3).

Ali, aos 14 anos, já era organista da Capela Imperial, no Rio de Janeiro, no tempo de D. Pedro II (4), regressando a Portugal, em 1864, com 21 anos, depois de receber lições do professor brasileiro *Francisco Manuel da Silva*, e de *Segismundo Thalberg*, sendo êste último o eminente pianista genebrês, coevo de Liszt, a propósito de quem Georg Sand escreveu:

(1) Lisboa, 1911, pág. 206.

(2) Nasceu em 27 de Janeiro de 1843. Era filho de Bento de Araújo Pereira e de Ludovina Rosa de Jesus.

Joaquim Leitão, no citado livro «Deuses do Lar», pág. 36, indica, como pai de Miguel Ângelo, *Bento de Araújo Pereira Monfort*, o qual, em 1809, publicou um tratado de harmonia, contraponto e instrumentação.

(3) Não resisto à tentação de transcrever uma passagem do artigo que o poeta Guilherme Braga publicou no «Pôrto Elegante», n.º 9, s. d.: «... Tinha êle (*Miguel Ângelo*) então oito anos. Sua mãe, pobre senhora condenada por uma infelicidade atroz a sentir duplicadamente a falta de seu espôso, pela viuvez da ausência e pela tortura das privações, sua mãe, íamos nós dizendo, viu despontar para ela um dia terrível: o dia em que, pela primeira vez, não podia dar a seus filhos o alimento quotidiano, já até então bem negro, bem parco, bem amassado com lágrimas. Miguel Ângelo soube disto e saiu de casa. Saiu com o firme propósito de não voltar sem que voltasse com êle o raio de alegria, embora efêmero, que ilumina a face duma mãe quando pode matar a fome, por um dia ao menos, àqueles que trouxe no seio... Estava êle a pensar..., no pátio da igreja da Lapa, quando viu entrar nessa igreja um homem, que lhe pareceu um padre... Seguiu êsse homem, e... viu que o sacerdote pedia alguém que o ajudasse no sacrifício da missa. O menino recordou-se então de que seu pai lhe havia ensinado o modo de celebrar êsse sacrifício e ofereceu-se. A mão que levantara pouco antes a hóstia lançou mais tarde na mão do pequeno ajudante uma esmola abençoada por Deus e essa esmola, diminuta como foi, não deixou por isso de levar ao centro duma família uma consolação e uma esperança. A esperança não mentiu, porque apenas vagou naquela igreja um lugar de menino do côro, logo Miguel Ângelo o preencheu, adquirindo com êsse lugar outro nos bancos do liceu da Lapa...».

(4) Informa o Ex.^{mo} Snr. Alfredo Ângelo Pereira, neto do artista, que, para êste se manter no cargo de organista da Capela Real, lhe foi um dia exigida a sua naturalização, que êle repudiou sem hesitar.

« Liszt, como pianista, é único; Thalberg é o primeiro; os dois reunidos resumem tudo o que o piano pode produzir de sublime » (1).

Em 1870, no dia 26 de Janeiro, cantou-se pela primeira vez, em Lisboa, no Teatro de S. Carlos, a ópera « Eurico », de Miguel Ângelo (2); em 1874, no dia 17 de Janeiro, no Pôrto (3); em 1878, no Rio de Janeiro.

Tagliapietra fizera a versão, para italiano, do libreto extraído da obra de Herculano por Pedro de Lima (4).

Esta ópera, pela novidade do estilo, que apresentava, e por muitos outros motivos, alguns de ordem pessoal, dividiu em campos opostos os *dilletanti* portuenses: uns entusiasmaram-se; outros, ou porque a obra realmente não lhes agradou ou por hostilidade propositada, patearam-na quanto puderam; uns pretendiam ouvir a ópera « Eurico » de Miguel Ângelo, outros a ópera « Renegada » do italiano Reparaz.

Conta-nos espirituosamente o Snr. Joaquim Leitão que a celeuma foi tal, e um dia se agravou a tal ponto, que a « geral » do Teatro de S. João foi a Vila Nova chamar um carniceiro forçado, que saltou à « superior » com outros « jaquetas » e deu, deu que se ouvia mais a pancadaria do que a voz aflita do respeitável administrador Jalles impetrando ordem. Foi numa dessas noites que alguém ameaçou apear o lustre do « S. João » com uma imensa trave, de que apareceu munido na sala de espectáculos... (5).

Repetiu-se o conflito no Brasil (6), por causa da ópera Eurico e da ópera Guarany do brasileiro Carlos Gomes, subindo por fim à cena a primeira.

Foi assim, entre contendidas, e com um espírito sempre mordaz — natural ou provocado — espírito que tam nefasto lhe foi, e que tanto infeli-

(1) Vid. « Litteratura, Musica e Bellas Artes » por José Maria de Andrade Ferreira, Vol. II, 1872, pág. 230.

(2) Posta em cena pela empresa *Cossoul & C.^a*, composta por Guilherme Cossoul, António de Campos Valdez, Guilherme Lima, entrando depois para a sociedade Bento da França Pinto de Oliveira. Esta empresa teve o Teatro de S. Carlos por concurso, de 1868 a 1873. Cantaram esta ópera os seguintes artistas: Amália Fossa, soprano; Demerich Lablache, contralto; Giulio Ugolini, tenor; Luigi Merly, barítono; Reduzzi, e Lisboa, baixos; Director — o maestro Guilherme Cossoul.

(3) Empresa Eduardo de Araújo Viana & C.^a (Temporada lírica de 1873-1874).

(4) « Eurico o presbytero de Carteia. Drama lyrico em 3 actos extrahido do romance — Eurico o presbytero de Alexandre Herculano por Pedro de Lima e posto em musica por Miguel Angelo », Pôrto, Tip. Francesa e Nacional, I vol., 1874 (Tem texto em português e italiano).

Pedro de Lima, poeta portuense, foi também o autor do livro de versos « Ocasos » (1867). Há referências a este poeta no 1.º vol. de « Poetas Portuenses » de Paulo Freire, pág. 101, e no 3.º vol. de « Portuenses Illustres » de Bruno, pág. 303 e seguintes.

(5) Pág. 57, op. cit.

(6) Faz-lhe ligeiras referências o Dr. Júlio Dantas, no livro « Figuras de ontem e de hoje », 3.ª edição, pág. 209, e também Joaquim Leitão, op. cit., pág. 58 a 63.

citou os derradeiros anos da sua vida, que Miguel Ângelo criou o seu nome de artista.

Essa mordacidade ressalta, por exemplo, da pequena notícia publicada no 1.º número do jornal «Eurico», notícia que em nada afecta o prestígio artístico dos músicos a que alude Miguel Ângelo, pois todos nós sabemos que eram músicos de incontestável merecimento.

A notícia está redigida em termos cheios de ironia: «Realizou-se há poucos dias o 1.º concêrto na Assembleia de Matosinhos. Executantes os Snrs. músicos de Câmara (do Laranjal) (1). Como se apresentaram *apenas* duas horas depois da hora habitual, estes senhores reduziram o programa, e, eliminando com notável perícia o maior número de notas possível aos trechos que executaram, triplicaram em velocidade os «movimentos» de modo a poderem concluir o concêrto em 20 minutos. Aplausos na proporção das notas. O efeito da música de dança que se lhe seguiu foi de inexcedível encanto...».

Não admira, realmente, que a obra de Miguel Ângelo tivesse nascido entre os aplausos de uns e a má vontade de outros.

Houve quem o desprezasse, mas houve também quem não hesitasse, por exemplo, em confiar-lhe a chefia da orquestra do Teatro de S. João durante a temporada lírica de 1871-1872 (Emprêsa António José da Fonseca Pascoal).

Houve quem apoucasse a sua cultura musical, mas era inegável o seu desejo de saber, que o levou a aceitar as lições do eminente organista Carlos Widor, secretário da Academia de Belas Artes de Paris, quando veio ao Pôrto, por ocasião da Exposição Universal Portuense, em 1865, inaugurar o grande órgão do Palácio de Cristal (2).

Houve quem o hostilizasse, sim, mas não faltaram também os amigos sinceros e os admiradores convictos que, certa noite, no Teatro de S. João, lhe ofereceram, entre entusiásticas ovações, uma batuta de prata, dedicando-lhe o poeta Guilherme Braga, dum camarote do mesmo teatro, uma poesia que começava assim:

*A vasta inspiração do génio soberano,
Que, em face às multidões, abraza o génio teu,
É viva como o sol, grande como o oceano,
Sublime como a luz, profunda como o céu! (3)*

(1) Referia-se ao Orfeão Portuense.

(2) Vid. Dic. Biogr. de Mús., de Eugénio Amorim, Pôrto, 1941. Refere-se também Moreira de Sá aos concertos do organista *Carlos Widor* numa das suas *Palestras Musicais*, Pôrto, 1916, pág. 56.

(3) Esta poesia acha-se transcrita, na íntegra, no cit. livro do Sr. Joaquim Leitão, pág. 99.

Não se pode dizer mais dum artista — a fantasia dos poetas não tem limites! — (1), e isto complica, sem dúvida, a tarefa de quem sôbre êle tem de falar, conhecendo pouco a sua obra.

Do valor desta serve, porém, de testemunho o que se acha escrito na « História da Evolução Musical » (2), de Moreira de Sá, discípulo do mestre, seu contemporâneo, seu colaborador e crítico.

Diz êste em primeiro lugar: « . . . talento mais lírico do que dramático, sem a posse da intuição cênica, compôs apenas uma série de pequenos quadros musicais de apoucada vitalidade teatral, diminuída ainda por uma orquestração inexperta e pela inexperiência de uma primeira obra ».

Refere-se à ópera « Eurico », mas acrescenta: « A convivência com Joaquim de Vasconcelos, Nicolau Ribas, Marques Pinto, e Ciriaco Cardoso, de que resultou a *Sociedade de Quarteto*, e o conhecimento de obras primas de música de câmara, assim como de algum Wagner, influíram poderosamente em Miguel Ângelo. O seu talento lírico evidenciou-se no famoso « Adágio », inspirado no poemeto de Ernesto Pinto de Almeida — « Ondina », dum quinteto incompleto com piano, e na grande « Cantata a Luís de Camões », poema de Francisco Bernardo Braga Júnior (3). A orquestração forma em tôrno desta última obra, que tem páginas soberbas de largo estilo, uma atmosfera pitoresca em que perpassa, por vezes, um colorido oriental.

« Não sendo, como pianista, um virtuoso no género do nosso grande Artur Napoleão, seu contemporâneo, possuía apreciável técnica, primando em formosa sonoridade e na maneira como sabia fazer cantar o piano.

« Bom ledor à primeira vista, primoroso acompanhador, tinha distintos dotes pedagógicos. Com tais predicados, Miguel Ângelo exerceu, no

(1) Do mesmo autor, e publicadas no livro « Heras e Violetas », 3.^a ed., Lisboa, s. d., pág. 101, existem as duas quadras seguintes, também dedicadas a Miguel Ângelo:

*Dante soube moldar na estrofe a santa ideia;
Fídlas gravou-a em bronze e à pedra a transmitiu;
Rafael, com a luz que as almas incendeia,
Dando-lhe uma existência, a tela coloriu.*

*Tu, como êles também, de glória coroadado,
Ouves cantar-te em roda uns espíritos bons,
E, ao sol da Arte sublime, ó sublime inspirado,
Tu dás à ideia a forma invistível dos sons!*

(2) Pág. 415-416.

(3) Escreveu Júlio Brandão em « O Primeiro de Janeiro » de 22 de Outubro de 1940 um interessante artigo, « Sombras amigas », sôbre *Francisco Bernardo Braga Júnior*.

meio musical portuense, benéfica influência, que maior haveria sido se a sua ilustração estivesse à altura do talento ».

Joaquim de Vasconcelos escreveu também sobre a ópera «Eurico» (1), e, informando que, no espaço de 4 anos, entre a sua apresentação no Teatro de S. Carlos, em Lisboa, e no Teatro de S. João, do Pôrto, ela sofreu grande e justificada remodelação, afirma: « Em tôda a ópera se procura debalde uma vulgaridade, um lugar comum; aquela música tem *carácter*, tem um cunho . . . » (2), explicando dêste modo o êxito que, para muita gente, ela alcançou na capital do norte.

A-pesar-do seu aspecto anedótico, acha-se outro depoimento sobre o mérito de Miguel Ângelo num álbum íntimo de Manuel Benjamim, e foi tornado público pelo Snr. Ângelo Pereira, num jornal da capital (3): A uma mesa do Café Águia de Ouro, do Pôrto, estava sentado, um dia, o cantor e mestre de canto Salvini, na companhia de Soares Meireles, Molarinho, e de outros, quando apareceu Miguel Ângelo, a quem Salvini logo perguntou: « ¿Que escreves tu agora? » « Um *stabat-mater* », respondeu Miguel Ângelo. Salvini replicou: « Ó diabo!, não faças isso, faz antes um *stabat-pater*, que *maters* há muitos; e depois . . . faz o *stabat-filho*! . . . ».

Rebentaram, já se vê, as gargalhadas, a que Miguel Ângelo se associou; mais tarde, já concluída a obra, Salvini, cuja cultura literária e artística era grande, foi assistir à execução particular da mesma obra, nos Congregados, e, no final, ouviram-no dizer, com as lágrimas nos olhos: « Bravo, Miguel, sabes o que fazes! ».

Em resumo, para melhor ficar definida a personalidade do artista e a qualidade da sua obra, citarei a opinião de duas autoridades musicais: Mário de Sampayo Ribeiro, na já citada obra sobre a música nos séculos XVIII e XIX, reconhece que Miguel Ângelo se prejudicou por se ter deixado deslumbrar e avassalar pelo processo wagneriano, mas considera-o um « valor » (4), e Moreira de Sá, numa das suas *Palestras Musicais*, afirma ter sido Miguel Ângelo o maior músico português na segunda metade do século passado (5).

Sobre as suas qualidades pedagógicas, fala, com mais pormenor, a Ex.^{ma} Snr.^a D. Tereza Amaral, discípula e colaboradora do mestre, que,

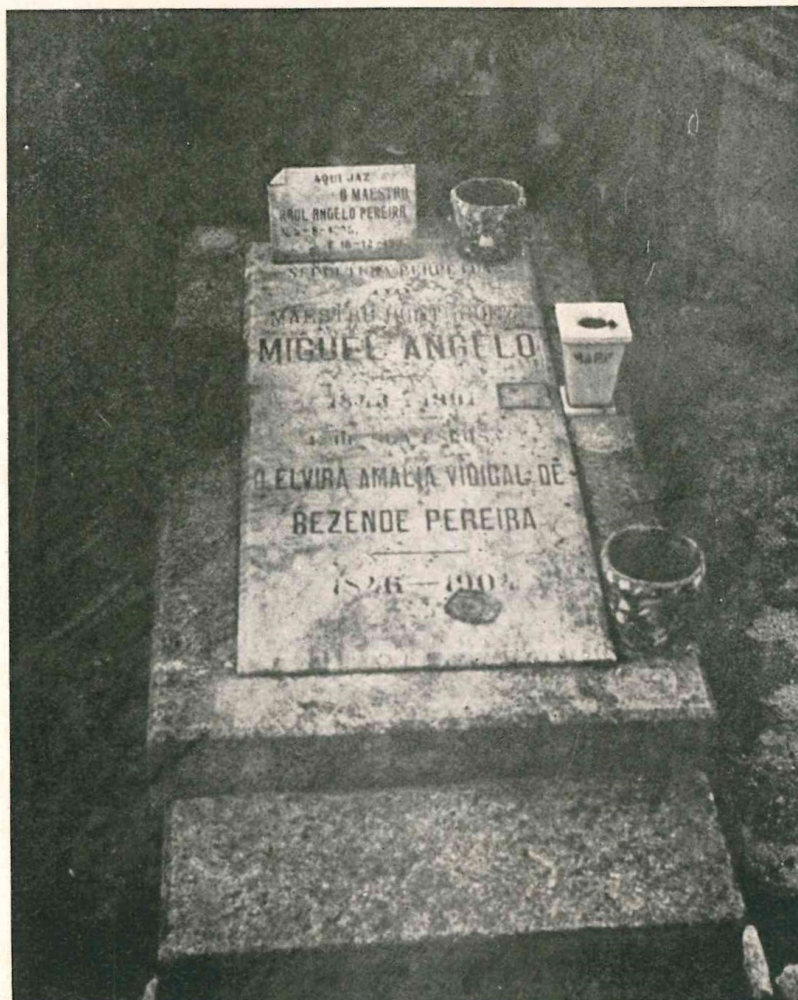
(1) *Eurico — Analyse de . . .*, Pôrto, 1874. Existe um exemplar desta pequena obra na Biblioteca do Ateneu Comercial do Pôrto, com o n.º 16.164.

(2) Op. cit., pág. 45.

(3) « Diário de Notícias » de 2 de Agosto de 1938. Supondo tratar-se de pessoa da família de Miguel Ângelo Pereira, pedi ao Sr. Ângelo Pereira algumas informações, tendo sabido que, a-pesar-da semelhança do nome, êste Senhor não tem qualquer parentesco com o artista.

(4) Pág. 108.

(5) 3.º vol., Pôrto, 1916, pág. 51.



SEPULTURA DE MIGUEL ÂNGELO PEREIRA
no Cemitério de Agramonte (*)
(PÔRTO)

Sepultura n.º 700 — Secção 10

Cliché do Ex.^{mo} Sr. António Silva

Gravura dos Ex.^{mos} Srs. Simão Guimarães, Sucrs.

(*) O terreno para esta sepultura foi pago pela família Bessa Leite.

numa carta que se dignou enviar-me, diz: « Foi um professor notável de piano, canto coral, harmonia e contraponto, e como tal organizou o seu curso.

« Conduzia os seus alunos progressivamente, dentro do mais rigoroso grau de perfeição, até ao estudo das obras mais importantes dos grandes autores.

« Sempre exigente, tanto na nitidez da execução como na interpretação e carácter de cada autor, quando os alunos atingiam considerável adiantamento realizava exames perante numeroso público . . . Êsses exames correspondiam a um fim de curso, constando de peças tiradas à sorte oito dias antes, estudos de Chopin, sonatas de Beethoven, etc. e transportes à primeira vista . . . » (1).

A um artista da natureza dêste, não seria, portanto, difícil conquistar, entre nós, mormente no Pôrto, um nome de destaque, e até, durante algum tempo, uma situação material de certo modo invejável, situação que, infelizmente, não se manteve, antes se converteu, como já disse, em dolorosa angústia nos últimos anos da sua existência, levando-o à loucura (2).

A época em que aqui viveu foi rica de artistas executantes, e a actividade musical — direi melhor a audácia e iniciativa dos nossos músicos profissionais e amadores de então — talvez superior à que eles revelam nos nossos dias.

Com efeito, distinguiam-se entre nós, no Pôrto, músicos de envergadura, como os violinistas *Marques Pinto*, *Nicolau Ribas* e *Moreira de Sá*; os pianistas *Artur Napoleão*, *António Soller* e *Xisto Lopes*; o maestro e compositor *Ciriaco de Cardoso*, que tentou levar à cena diversas óperas italianas, vertidas para português ou exclusivamente interpretadas por elementos nacionais; *Alves Rente*, antigo empresário do Teatro Sá da Bandeira (então Príncipe Real), que levou à cena operetas diversas, como « A bilha quebrada », « A filha de Mme. Angot », « Miguel Strogoff », « Cap. Graham », « A filha do inferno », « César de Bazan », « A Grã Duquesa », etc.

Distinguiam-se ainda: *Henrique Carneiro*, *Carlo Dubini*, *António Canelo*, *Hipólito Ribas*, *Stofel* . . .

(1) Carta de 8-8-1939.

Encontro referências, no 1.º número do jornal « Eurico », a êste Curso Musical dirigido por Miguel Ângelo. Ali figura o programa dos exames efectuados no ano de 1884 — prova escrita e oral — de Rudimentos, Harmonia, Contraponto, Solfejo, Piano, programa que não deixa de ter valor para a história da pedagogia musical no Pôrto anteriormente à organização do Conservatório de Música da mesma cidade.

(2) Morreu na antiga *Casa de Saúde Portuense* dos Drs. Tito Fontes e Júlio Franchini, na Rua da Duquesa de Bragança (actual R. de D. João IV).

Na interpretação dos principais papéis líricos destacavam-se cantores como *Moisés Bensaúde*, *Aurélia dos Santos* e alguns estrangeiros.

Havia então no Pôrto quem se interessasse a valer pela música, pela educação musical, e justo é salientar, por exemplo, *Silvestre Aguiar Cardoso*, que dirigia a « Capela Silvestre », os irmãos *Badoni*, que dirigiam a capela do mesmo nome, e que contribuíram, sem dúvida, para o aperfeiçoamento do gosto pela música, mas sobretudo Miguel Ângelo Pereira, não só pela sua colaboração com o pianista *Artur Napoleão*, com o compositor *Sá Noronha*, com o maestro *José Cândido* e outros, como pelos bons artistas que criou: *Artur Ferreira*, *Moreira de Sá*, *João* e *António Arroio*, *Óscar da Silva*, *Ernesto Maia*, etc.

Distinguíram-se também, na mesma cidade, no ensino do canto, e mais ou menos na mesma época, *Sabatini*, *Franchini*, *Luísa Chiaramonte*, *Roncagli*, *Salvini*, a quem foram sucedendo as Senhoras *D. Elvira Brambilla*, *D. Sola Conde*, *D. Carolina Palhares*, *D. Alexandrina Castagnoli*, *D. Judith de Lima*, *D. Cesarina Lira*, *D. Stela da Cunha*, *D. Maria Soares de Albergaria*, *D. Idalina de Castro Braga*, *D. Carlota Pezerat Guimarães*, *D. Ofélia Diogo Costa*, o *Sr. Júlio Câmara*, etc.

O primeiro, o italiano *Vicenzo Sabatini*, foi cantor lírico e professor de canto dos mais notáveis tanto em Milão como no nosso País, e não resisto à tentação de informar que o filho deste professor e de sua esposa (Mrs. Ana Strafford) passou uma parte da sua vida no nosso País e na cidade do Pôrto, onde iniciou a sua educação literária, e depois na Suíça, onde a completou, fixando-se por fim na Inglaterra, em Liverpool, e tornando-se um nome conhecidíssimo no meio literário daquele País. Chama-se *Rafael Sabatini*, autor de várias obras escritas em inglês, e tornadas conhecidas do nosso público através de traduções, algumas das quais muito deficientes. « As traduções são uma invenção do demónio para desacreditar os escritores nos países estrangeiros », — escreveu o distinto romancista numa carta dirigida ao seu dilecto amigo Snr. José Adão Rodrigues de Pínhal; e assim é, e há-de continuar a ser, até que os editores, a bem da sua reputação profissional e da cultura de quem lê, se resolvam a procurar, para a tradução das obras dos bons autores, pessoas escrupulosas e competentes. No caso de *Rafael Sabatini*, nascido na Itália em 1875, « homem de vários países », como êle próprio diz, é pena que as traduções possam prejudicá-lo, pois trata-se de obras de real valor, que muito têm contribuído para o brilho da literatura inglesa. Duas delas, pelo menos, « *Scaramouche* » e « *Captain Blood* », têm sido popularizadas pelo cinema sonoro e mudo. A primeira, cuja acção decorre no período agitado da Revolução Francesa, e descreve a vida do advogado André Luís Moreau, « por amor de uma mulher e para vingar um amigo », é um romance cuidadosamente elaborado, correctamente redigido, que se lê com interesse cres-

cente, e o mesmo direi a respeito de « Captain Blood », cujas cenas são engenhosamente urdidas e descritas.

Feito êste pequeno àparte, a propósito duma figura que pertenceu à mesma época e ao mesmo meio em que viveu Miguel Ângelo Pereira, não ficará mal recordar outras figuras de destaque, algumas do Pôrto, cuja influência no espírito do artista teria sido salutar: Estão nesse caso, além de diversos escritores e poetas do século transacto, com alguns dos quais êle tratou de perto, Delfim Maia, Costa e Almeida, João de Oliveira Ramos, Rafael Bordalo Pinheiro, o pintor João Baptista Rezende, o gravador Molarinho, o impressor Costa Carregal, Rodrigues de Freitas ⁽¹⁾, e muitos outros que sabiam apreciar a arte e acarinhar os artistas.

Justo é também dizer que não faltavam amadores distintos, e Moreira de Sá, nas suas *Palestras Musicais* ⁽²⁾, cita-nos alguns, como *D. Maria José Fornelos, Berta Lehmann, D. Giselda Milheiro, João da Rocha Leão, Visconde de Vilar de Allen, João António de Miranda, Dr. Esteves Lisboa*, etc.

Quiçá animado pelas suas relações de ordem literária e artística, organizou Miguel Ângelo um jornal intitulado « Eurico », quinzenário de revista musical, cujo primeiro número saiu em 15 de Setembro de 1884, impresso na tipografia de Joaquim Ribeiro & Irmão, na Vila da Feira, onde igualmente se imprimiu o jornal « Miscelânea » do mesmo professor, e de que « Eurico » constituía o seguimento. Era agente do « Eurico », no Pôrto, Rafael Ângelo (Rua Formosa, 325) ⁽³⁾, e com cada número era distribuída uma composição de Miguel Ângelo Pereira, por vezes com o pseudónimo *PAM*.

Lê-se no primeiro número dêste quinzenário: « *O Eurico* apresenta-se, literariamente, de lança em riste para combater tudo e todos que por obras ou acções venham empanar o brilho da Arte ou prejudicar o bom nome de artista, e de coração magnânimo para exaltar méritos e registar virtudes onde quer que as haja ». Musicalmente, prometia o mesmo quinzenário publicar de preferência as obras de compositores portugueses de

(1) Falando de diversas pessoas de destaque, no tempo de Miguel Ângelo Pereira, Moreira de Sá, nas suas já citadas *Palestras Musicais*, pág. 58, refere-se ao Prof. Dantas (*) «que versificou em vernáculo latim o câro das monjas no Prelúdio da ópera Eurico».

(2) Op. cit., pág. 57.

(3) Nalguns números do « Eurico » lê-se: «Proprietarios — Miguel Angelo & C.^ª, 244, Rua Formosa, 246». Noutros lê-se: «Unico agente em Portugal — Raphael Angelo — 180, Rua de Santa Catarina, Porto».

(*) Prof. Manuel Emílio Dantas.

verdadeiro e reconhecido mérito, e, de entre as composições estranhas, escolher as que pudessem auxiliar os bons professores na educação musical dos seus discípulos.

Um dos filhos do artista, Américo Ângelo ⁽¹⁾, igualmente reuniu, em 13 números da revista «Folk-lore musical», vários trechos populares, fados, canções portuguesas, etc. ⁽²⁾.

Além das já mencionadas óperas «Zaida» e «Avalanche», inéditas, e «Eurico», de que apenas existe o primeiro acto impresso, em transcrição para piano e canto ⁽³⁾, citarei as seguintes composições de Miguel Ângelo ⁽⁴⁾:

— *Cantata a Luís de Camões*, para grande orquestra, vozes, órgão e banda, executada na nave central do Palácio de Cristal Portuense em 10 de Junho de 1880, por ocasião das festas camoneanas, inspirada num poema patriótico de Francisco Bernardo Braga Júnior ⁽⁵⁾; — *Marcha*

(1) Dos cinco filhos de Miguel Ângelo, não houve um único que não se dedicasse à música (*). Vive apenas Vergílio Ângelo.

(2) Devo ao meu Ex.^{mo} Amigo Sr. José Adão Rodrigues de Pinhal o obséquio de me mostrar estes números da revista «Folk-lore», bem como o primeiro número da revista «Eurico».

(3) No n.º 5 do jornal «Eurico» lê-se, no *Noticiário*: «Começamos com o presente número a publicar a opera «Eurico» (**). Distribuímos hoje o primeiro fascículo que consta do «Preludio».

(4) Para a organização desta lista de obras de Miguel Ângelo Pereira, vali-me da que se encontra no final do já citado livro «Deuses do Lar», completando-a, tanto quanto possível, com os elementos que pude reunir. Igualmente me socorri do recente *Dic. Biogr. de Músicos* de Eugénio Amorim, Pôrto, 1941, pág. 11-14, e recorri, com não pouco trabalho, aos arquivos particulares de antigas discípulas do Mestre.

(5) *A Luiz de Camões — Cantata. Lettra de... Musica de Miguel Angelo*, Pôrto, 1880. Por cativante gentileza da Ex.^{ma} Senhora D. Maria Luísa Pádua Alves de Magalhães, filha duma dilecta discípula do Mestre — Ex.^{ma} Senhora D. Adozinda Pádua de Magalhães — já falecida, pude ler o programa da grande festa com que o Pôrto celebrou o centenário do grande épico (MDLXXX-MDCCCLXXX), festa em que foi apresentada a «Cantata a Luís de Camões», de Miguel Ângelo, com 600 executantes, e em que colaboraram «obsequiosamente damas e cavalheiros, distintos amadores da sociedade portuense e da colónia estrangeira, e os primeiros artistas do país sob a direcção do Maestro compositor Miguel Ângelo, coadjuvado pelo distinto amator Ex.^{mo} Snr. Bernardo Moreira de Sá e pelo professor Ciríaco de Cardoso».

Por se me afigurar de interesse, transcrevo na íntegra a 2.^a parte do programa:

(*) Um dêles, Américo Ângelo, escreveu o drama lírico «Os pescadores». Outro, Raúl Ângelo, foi director do Grupo Coral da Foz do Douro, fundado em 1931, e teve como precioso auxiliar *Eduardo de Matos Vilar*. Em Matosinhos existiu também o *Grupo Musical «Miguel Ângelo»*, que se apresentou publicamente em 1925 sob a direcção de *Albino Pereira*.

(**) «Para piano e canto» — lê-se no n.º 4.



«A MIGUEL ANGELO — Raphael Bordallo Pinheiro
Rio de Janeiro noite de 6 de Novembro de 1878
Imperial Theatro D. Pedro II»

*(Alegoria alusiva à representação da ópera EURICO
no Rio de Janeiro).*

Reprodução fotográfica feita pelo Ex.^{mo} Sr. António Silva ().*

Gravura dos Ex.^{mos} Srs. Simão Guimarães, Sucrs.

(*) A fotografia do original encontra-se no arquivo da família de Miguel Ângelo Pereira.

Progreddior, para orquestra, banda, e órgão, executada no dia da inauguração da Exposição Universal Portuense, no Palácio de Cristal — 1865;— *Adamastor*, sinfonia, inspirada num passo dos *Lusíadas* (Canto V. Ests. 39, 51, 52).

*Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar . . .*

. ;

- 1.º Preludio — pela orchestra e banda.
- 2.º Côro geral — *Longe da Lysia amada*, com acompanhamento d'orquestra e grande órgão.
- 3.º Côro de Soprano — *Mas alli, na mudez da soledade*, com acompanhamento de orchestra.
- 4.º Côro guerreiro — *Alli, julgava escutar*, com acompanhamento de orchestra, banda e grande órgão.
- 5.º Côro geral — *Mas da patria a lembrança*, com acompanhamento d'orquestra.
- 6.º Côro sem acompanhamento — *Vias por toda a parte o ingrato povo*.
- 7.º Final — Côro geral — *A patria vive ainda*, acompanhado a orchestra, banda e grande órgão.

A banda foi dirigida por *Ciriaco Cardoso*, e a parte de órgão coube ao *Ex.mo Sr. W. Macdonald Smith*.

Embora longa, afigura-se-me também de utilidade a transcrição da lista das pessoas que tomaram parte nos coros e na orquestra:

COROS: — *Ex.mas* Senhoras D. Adelaide Paula e Melo, D. Adozinda Pádua, D. Amélia Rangel Maia, D. Ana Azevedo, D. Ana Leça, D. Ana Matos, D. Aurelina Caldas, D. Beatriz Mota, D. Beatriz Santos, D. Edith Katzenstein, D. Elisa Bessa, D. Elvira Mota, D. Eugénia de Moraes, D. Gabriela Castro Pereira, D. Gertrudes Guimarães, D. Helena Peters, D. Henriqueta Fernandes, D. Isabel Lagoa, D. Isabela Rangel, D. Laura Braga, D. Laura Bessa, D. Leonor Basto, D. Leopoldina Katzenstein, D. Leopoldina Kopke, D. Luíze S. Moller, D. Lucinda Santos, D. Madalena von Hafe, D. Maria Bessa, D. Maria Castilho, D. Maria Ernestina Moutinho, D. Maria Santos, D. Maria Chaves, D. Margarida Fernandes, D. Maria Martins, D. Romana Ribeiro, D. Virgínia Costa, e os *Ex.mos* Snrs. Adolfo da Rocha Leão, Alberto Allen, Alfredo de Azevedo Lima, Alfredo Basto, Alfredo Ferreira da Silva, Antero de Paula Melo, António de Pádua Júnior, Artur A. Silva Guimarães, Aurélio Pereira da Costa, Benjamim de Oliveira, Charles Chambers, Charles Trevy, Querubino Lagoa, David Sousa Pinto, Dr. Francisco de Paula Silveira Pinto, Eduardo H. de Lima, Ernesto da S. Maia, George Claussen, George Ennor, George H. Sellers, Guilherme A. de Lima, Gustavo Lutze, Gustavo Peters, Heitor Guichard, Henrique J. Coelho Lima, Henrique Kendall, Henrique von Hafe, J. Davis Smith, João Pinto de Oliveira, João Soares de Meireles, J. Xavier, José António Ferreira, Júlio César Napoleão, Júlio Moutinho, Justino Moniz, Manuel Ferreira Neves, Manuel Vaz de Miranda, Marcus Archer, P. Zarnack, Ricardo do Vale, Vitorino José Cardoso, W. Macdonald Smith, Wilhelm Pulz, Manuel Benjamim.

ORQUESTRA: — *Ex.mos* Snrs. Alberto F. Carneiro, Alfredo R. de Sousa, Antero Soares, António Araújo Júnior, António Daniel de Matos, António J. Soares Júnior, António M. de Magalhães, António de Almeida Fasciolo, Aníbal L. Gouveia, Arcanjo N. Ribeiro, Arnaldo Baptista, Augusto A. de Magalhães, Augusto C. Cáceres, Augusto dos Santos Júnior, Aires Borges, Carlos Gonçalves, David Baptista, Dr. Costa e Silva Júnior, Dr. Emílio de Oliveira, Dr. João Carlos Temudo, Dr. Medeiros, Dr. Fonseca, Eduardo C. Oliveira, Eduardo Daniel de Matos, Eduardo Freire, Francisco F. Obalar, Guilherme Aflalo, João Correia do Amaral, João José Pereira, João Pacheco Pereira, Joaquim E. S. Guerra, Joaquim José Melo Tôrres, Joaquim V. N. Soares, José A. Lagoa, José A. Silva Júnior, José Carlos Areas, José Domingues Maia, José Ferreira C. Guimarães Júnior, José da Silva, Júlio de Oliveira Basto, Luciano Alegro, Manuel J. C. Gonçalves, Manuel J. C. Pôrto, Manuel Viterais Júnior.

—* *Marcha do Ódio* ⁽¹⁾, inspirada no « ultimato » inglês ⁽²⁾; — *Fantasia Heróica* para banda, escrita com o fim de ser executada no concurso de bandas regimentais realizado em Braga em 1894; —* *Hino Marcha Almeida Garrett* — 1903, publicado pela Sociedade Literária « Almeida Garrett » para ser executado no dia da trasladação dos restos mortais do egrégio escritor para os Jerónimos ⁽³⁾; — *Marcha Episcopal*, para banda, dedicada ao Sr. Cardeal D. Américo, e escrita a pedido do Sr. P.^e Sebastião de Vasconcelos, então director da Oficina de S. José, mais tarde Bispo de Beja e Arcebispo de Damietta ⁽⁴⁾.

Igualmente escreveu um *Te-Deum*, para quatro vozes e orquestra, que lhe grangeou boa reputação de compositor, e, no mesmo estilo religioso, *Stabat-Mater* para vozes e orquestra, * *Ave-Maria*, para canto com acompanhamento de piano ⁽⁵⁾, e diversas missas ⁽⁶⁾.

Ernesto Vieira ⁽⁷⁾ indica mais duas obras, do mesmo género: *O Salutaris Hostia*, para três sopranos e harpa, e *Libera me*, para vozes e orquestra.

De música de câmara, deixou-nos os quartetos de arco *Scherzo* e *Alla Galega*, o *Scherzettino Mi-Lá-Ré-Sol-Dó*, e o já mencionado quinteto para piano e cordas *Ondina*, inspirado no poema do mesmo nome, da autoria de Ernesto Pinto de Almeida ⁽⁸⁾.

(1) O asterisco que acompanha algumas das composições indica que as mesmas se acham impressas.

(2) Encontra-se esta composição no folheto de Guerra Junqueiro, *Marcha do Ódio — Musica de Miguel Angelo — Desenhos de Bordallo Pinheiro*, Livraria Civilização, Casa Editora de Costa Santos, Sobrinho & Diniz — 4, Santo Ildefonso, 12 — Pôrto. Tipografia Elzeviriana, Rua de S. Lázaro, 393. Lit. Portuguesa — Santa Catarina, 146 — Pôrto, s. d.

(3) Interessa a leitura de «O Jornal do Comércio e das Colónias», de 28 de Junho, e 5, 8 e 9 de Julho de 1925, em que o Sr. Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima publicou um estudo intitulado «Garrett na musica. Notas bio-bibliographicas sobre os compositores musicas que se inspiraram na obra garretteneana».

(4) Esta marcha foi muitas vezes executada, principalmente pela banda da referida Oficina de S. José.

(5) Distribuída com o n.º 8, 2.º ano, do jornal «Eurico».

(6) Uma destas Missas, de que possui uma cópia o meu Ex.^{mo} Amigo e distinto amador de cantor, Sr. José de Brito, foi escrita para as Festas das Cruzes, em Barcelos, e ali cantada.

(7) *Diccionario Biographico de musicos portuguezes — Historia e bibliographia da Musica em Portugal*, 2.º vol., Lisboa, 1900, pág. 461-467.

(8) No 2.º vol. dos «Poetas Portuenses» de João Paulo Freire (Mário), lê-se, pág. 81, que Ernesto Pinto de Almeida se dedicava «com grande entusiasmo á musica, á pintura e ás lettras, poetando com grande facilidade e sentimento... É d'elle o libreto para a opera *Arco de Sant-Anna* do maestro Sá Noronha...». O poema «Ondina», em que se inspirou Miguel Ângelo Pereira, faz parte do livro «Solidões», Pôrto, 1865, pág. 25-32.

Na « Encyclopédia Portuguesa » de Maximiano de Lemos, lê-se que Miguel Ângelo escreveu também a música da peça fantástica « Na Lua », letra do jornalista Manuel Maria Rodrigues, representada com pouco êxito no Teatro do Príncipe Real.

Escreveu ainda diversas composições para piano, algumas de difícil execução :

- * *Esboços* — n.º 1) *Confidência*
 n.º 2) *Melodia*
 n.º 3) *Scherzo árabe*
- * *Berceuse* (¹).
- * *A Granadina* — *Serenata*.
- * *Três Mazurkas*.

Além destas composições, há, também para piano :

- * *Redomoinho* (*Valsa Brilhante*).
- * *Sécia* (polka de concêrto).
- * *Invicta*, hino-marcha (*À glória do Infante D. Henrique*).
- * *Num baile* (*Poema íntimo*) (²).
- * *Valsa-Polka*.
- * *A Presumpçosa* (*Polka brilhante*) (³).
- * *Idílio*.
- * *Pot-Pourri*, para piano, da ópera « Arco de Sant'Ana » de Sá Noronha, Lisboa, 1868 (⁴).
- Invocação* — *Melodia* (⁵).

(¹) A esta *Berceuse*, bem como a *A Granadina* e à *Mazurka N.º 2 em ré-b*, fez referências elogiosas o prof. Rudorff, que, em Berlim, analisou diversas composições de Miguel Ângelo, conforme carta escrita daquela cidade em 27 de Outubro de 1887 e publicada no programa do já mencionado concêrto de homenagem a Miguel Ângelo, em 15 de Maio de 1916.

(²) Possuo um exemplar desta composição por especial deferência da casa Moreira de Sá. Foi distribuída esta composição juntamente com o n.º 11, 2.º ano, do jornal «Eurico». É dedicada à Ex.^{ma} Senhora D. Júlia Joaquina Machado Chaim, espôsa do Ex.^{mo} Sr. Augusto Pinto Chaim, o qual muito se esforçou para que a ópera «Eurico» fôsse cantada no Rio de Janeiro, bem como o Sr. Comendador António Joaquim Coelho da Silveira, a cuja filha é dedicada a valsa *Redomoinho*.

(³) Conheço esta composição graças à gentileza da Ex.^{ma} Senhora D. Eduarda Borges de Aguiar, distinta professora e pianista.

(⁴) Vid. «Jornal do Comércio e das Colónias», de 8 de Julho de 1925, art. cit., do Sr. Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima.

(⁵) Dedicada à Ex.^{ma} Senhora D. Albertina Bessa Cardoso Soares, antiga discípula do Mestre, à qual devo o obséquio de algumas informações.

Para canto, com acompanhamento de piano :

* *Serenata*, com letra de João de Deus (¹).

* *Canção de abril*, composta em 1885, com letra de Diogo Souto.

Há ainda, do mesmo autor, várias composições impressas para dança,— algumas, como já disse, com o pseudónimo *PAM* — * «Valsa das Noivas» (²), * «Tirana Rosa», * «Mondego», * «Valsa dos Namorados», etc. (³).

A propósito da citada *Marcha do Ódio*, direi que o ultimato, que serviu a muitos poetas de tema para composições mais ou menos violentas, igualmente inspirou alguns compositores musicais.

Entre estes, ocorre-me Inácio Aires de Azevedo (1833-1902), de Leiria, de cuja obra musical dei conta em 1932 (⁴) e a qual, mais ainda do que a de Miguel Ângelo, corre o risco de se perder por nada existir impresso.

Escreveu Inácio Aires de Azevedo, inspirado também no ultimato, uma *Marcha Lusitana*, cantada com entusiasmo, em Leiria, em 17 de Fevereiro de 1890, com versos inflamados e patrióticos do poeta leiriense Costa Santos (1856-1895).

De todos os *Hinos* e *Marchas* de autores nacionais ou estrangeiros, — muitos com letra em português —, comemorativos, patrióticos ou laudatórios, seria interessante fazer-se um cuidadoso arquivo. Embora a letra se me afigure quasi sempre de pouco valor, não deixam êsses hinos de ter interesse, sobretudo os que se inspiram num facto histórico, e assim pensou, há

(¹) Conheço esta composição através duma cópia que me foi facultada pela já citada professora Ex.^{ma} Senhora D. Eduarda Borges de Aguiar.

(²) Foi-me gentilmente cedido um exemplar desta composição pela Casa Eduardo da Fonseca.

(³) Em «O Tripeiro» — 2.º ano, n.º 45, de 20 de Setembro de 1909, encontra-se um artigo intitulado «As Sociedades Dramaticas d'Amadores», pág. 132-134, continuação de números anteriores, em que o autor, Júlio Moutinho, se refere ao *Hino do Colégio de Nossa Senhora da Lapa*, escrito por Miguel Ângelo, e reproduz a respectiva melodia (*).

(⁴) Vid. *Inácio Aires de Azevedo, músico em Leiria (Subsídio para a História da actividade artística da cidade do Liz)*. Separata do jornal «Orfeu» de 15 de Fevereiro de 1932.

(*) Em quasi tôdas as composições de Miguel Ângelo figura o nome duma pessoa — geralmente aluna ou aluno — a quem são dedicadas. Por mera curiosidade, indiquei o nome de algumas: D. Mariana Vasconcelos, D. Isabel Leite, D. Maria Augusta da Silva Santos, D. Maria Castilho, D. Adozinda Pádua [Alves de Magalhães], D. Tereza Emília Pereira (Bretiandos), Miss Edith Brandt, António Augusto Lessa, Manuel Castilho, etc., etc.

anos, a França, mandando reunir em álbum « ce qu'on a chanté, joué e dansé, durant la Révolution Française, le Directoire & l'Empire » (1), transcrição para piano feita por Charles Grelinger (2).

Voltando à obra de Miguel Ângelo Pereira, pergunto: ¿Que resta de tudo o que mencionei? Quási nada, afinal.

Dum dos seus filhos — o único que ainda vive, actualmente no Brasil, creio eu —, não consegui, a-pesar-da minha insistência, a mais ligeira informação; todavia, se alguns originais do mestre existem, devem encontrar-se em poder do Snr. Vergílio Ângelo . . .

As composições de seu pai, como as de muitos outros artistas, na maioria manuscritas, andam dispersas. ¿Quem pensará ou poderá pensar em reuni-las para serem estudadas?

(1) A. de Smit, éditeur — 187, Faubourg, Poissonnière — Paris.

(2) No meu arquivo, existem apenas os seguintes hinos impressos, que têm carácter histórico:

a) — «Hymno portuense / para / ser cantado no dia da Felicissima / acclamação / de / Sua Magestade o Senhor / D. Pedro V / pelos alumnos da Escola Popular de Canto da Ex.^{ma} / Camara Municipal / Da Antiga, Muito Nobre, e Sempre Leal, e Invicta / Cidade do Porto / Offerecido / A' Ex.^{ma} Camara / pelo / Instituidor, e Director Perpetuo / da / Escola Popular de Canto / Jacopo Carli. / Op. 40 / 1855. / Porto. Lith: do Villa Nova, Filos (sic) & C.^a. Rua de St.^a Thereza».

b) — «Hymno / Dedicado Aos / Expedicionarios / 1895-1896 / Porto / Livraria Academica-Editora / De / João Lourenço Pereira / Rua das Flores, 33 e Travessa de Cedo-feita, 47 / 1896».

c) — «Hymno da proclamação / da / Republica dos Estados Unidos / do Brazil / Poesia de / Medeiros e Albuquerque / Musica de / Leopoldo Miguez / Grande estabelecimento / de / Pianos e Musicas / Arthur Napoleão & C.^a / 89 Rua do Ouvidor 89 / Rio de Janeiro».

Indicarei mais os seguintes, que pertencem ao arquivo do meu Ex.^{mo} Amigo Dr. Pedro Vitorino:

d) — «Hymno / Cantado pelas alumnas da Eschola de Canto / do / Lyceu da Celestial Ordem 3.^a da S. S. Trindade / Por ocasião da honrosa visita, que este recebeu / de / Suas Magestades / El-Rei o Senhor D. Luiz 1.^o / e da Rainha a Senhora D. Maria Pia / Dedicado aos mesmos Augustos Senhores / por / Antonio Estanislau Delgado Canêdo / Professor da referida Eschola de Canto. / Poesia de / A. A. de Souza Pias».

e) — «Ao Ill.^{mo} Snr. / D.^{or} Francisco Vellozo da Cruz / Homenagem a Camões / Marcha Triunfal / Para Piano / por / Jacopo Carli / op. original 30 / Propriedade do Autor / Porto Lith. de Villa Nova, Filhos & C.^a Rua de St.^a Thereza 26 / Paris em casa de Benaci-Pechier-Milão em casa de Conti».

Melhor homenagem, contudo, não poderia ser prestada a quem soube conquistar, pelo seu próprio esforço, uma posição de destaque no meio social e artístico do século passado, honrando sôbre-modo a sua pátria e a sua terra natal (1).

(1) Há um episódio que aqui pode ser registado, e que prova que Miguel Ângelo, a-pesar-de ter vivido sempre longe da sua terra natal, nunca a esqueceu: Pretendia êle que o seu primeiro neto nascesse também em Barcelinhos e na mesma casa onde êle próprio tinha nascido. Ora, essa casa era então habitada pelo *Sr. Domingos Carreira* (1865-1938), músico distinto (*), já falecido, que em Barcelos desempenhava nessa altura as funções de ajudante do notário Dr. Luís Novais, e que, pelo prestígio artístico de Miguel Ângelo, e ao saber do seu caprichoso desejo, logo se prontificou a hospedar a nora do artista (**), visto que esta se encontrava no último período da gravidez; mas... houve de-certo engano na contagem do tempo, e... a permanência na risonha princesa do Cávado teve de ser muito mais longa do que todos tinham previsto, e principalmente o *Sr. Domingos Carreira*, que tal não esperava!...

(*) Publica interessantes dados biográficos sôbre êste artista «O Barcelense» de 8 de Outubro de 1938 (ano 28 — n.º 1437).

(**) D. Adelina Ângelo, espôsa de Artur Ângelo.

Programa do grande concêrto
em homenagem a
MIGUEL ÂNGELO
realizado no Teatro Aguia de Ouro
(Emprêsa Antônlo Castro)
no dia 15 de Maio de 1916

Reproduzem-se a seguir, sem qualquer alteração, tôdas as páginas dêste programa, com exclusão da capa. Apenas se acrescentou à pág. 7 o asterisco colocado junto dos nomes das peças musicais e uma NOTA no fundo da mesma página.

Na capa, — impressa, bem como o resto do programa, na Tipografia Costa Carregal - Pôrto —, figurava o retrato de Miguel Ângelo, colocado entre a data do seu nascimento e da sua morte, e, ao fundo, a seguinte anotação: « Por consentimento especial da auctoridade a plateia não é numerada ».

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
1207 EAST 58TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637
TEL. 733-4331

MICROFILMED

REEL 1
1. The first part of the book is devoted to a general survey of the history of the United States from the discovery of the continent to the present time. It covers the period from 1492 to 1876, and is divided into three main sections: the discovery and settlement of the continent, the struggle for independence, and the formation of the Union.

2. The second part of the book is devoted to a detailed account of the political and social development of the United States from 1876 to 1896. It covers the period of Reconstruction, the Gilded Age, and the Progressive Era. It is divided into two main sections: the political development of the country, and the social and economic development of the country.

3. The third part of the book is devoted to a detailed account of the political and social development of the United States from 1896 to 1914. It covers the period of the Progressive Era, the First World War, and the early years of the New Deal. It is divided into two main sections: the political development of the country, and the social and economic development of the country.

4. The fourth part of the book is devoted to a detailed account of the political and social development of the United States from 1914 to 1945. It covers the period of the First World War, the Second World War, and the early years of the Cold War. It is divided into two main sections: the political development of the country, and the social and economic development of the country.

5. The fifth part of the book is devoted to a detailed account of the political and social development of the United States from 1945 to the present time. It covers the period of the Second World War, the Cold War, and the present time. It is divided into two main sections: the political development of the country, and the social and economic development of the country.

1.ª PÁGINA

COMMISSAO ORGANISADORA

EX.^{MOS} SNRS.

Antonio B. A. de Lemos
Arthur André Gaspar
Carlos Costa
Carlos Guerreiro
José Antunes Sampaio Guimarães
José Augusto da Silva Ribeiro
José d'Oliveira Lima
Manoel Reis

COLLABORADORES

TOMAM PARTE OBSEQUIOSAMENTE
AS EX.^{MAS} SNR.^{AS}

D. Albertina Rezende
D. Stella da Cunha

E EX.^{MOS} SNRS.

Americo Angelo
Ernesto Maia
Joaquim Leitão
Joaquim Vieira Pinto
José de Brito
Luiz Costa
Mario Vergé
Moreira de Sá
Nicolino Milano
Oscar da Silva
Raul Angelo
Virgilio Angelo

Pianos Steinway e Pleyel gentilmente
cedidos pela casa Mello Abreu

2.ª PÁGINA

PROGRAMMA

CONFERENCIA — pelo illustre escriptor
Joaquim Leitão.

PRIMEIRA PARTE

I — Granadina
2.ª Mazurka
Scherzo Arabe
N'um Baile

Piano — Virgilio Angelo

II — **Canção d'Abdallah** — da opera
EURICO.

Canto — Ex.^{ma} Snr.^a D. Albertina
Rezende.

III — **Melodia**
3.ª Mazurka
Presumpçosa

Piano — Oscar da Silva

IV — **Preghiera** — da opera EURICO
Canção d'Abril — letra de Diogo
Souto
Canto — Ex.^{ma} Snr.^a D. Stella da
Cunha

V — **Adamastor** — Symphonia incom-
pleta, a seis pianos
Luiz Costa, Moreira de Sá, Ernesto
Maia, Raul Angelo, Americo Angelo
e Virgilio Angelo

3.ª PÁGINA

BERCEUSE — GRANADINA — 2.ª MAZURKA
Berlim, 27 de outubro de 1887

Mui presado senhor:

Teve V. a bondade de enviar-nos
algumas das suas composições, mas n'u-
ma ocasião em que os cursos estavam
fechados e ninguém havia para lhe agra-
decêr. Depois da minha volta, fui en-
carregado de lhe exprimir, em meu nome
e no dos restantes membros do Directo-
rio, o maior reconhecimento pela sua
offerta: e faço-o com satisfação extrema
por ter a honra de assegurar-lhe que as
grandes delicadezas musicaes que me
foram reveladas em muitas passagens ao
examinar os seus trabalhos, causaram-me
supremo prazer. Foram especialmente
a *Berceuse*, a *Granadina* e a *Mazurka*
n.º 2, ré-b maior, as que mais me im-
pressionaram como attrahentes e origi-
nalissimas.

Com a maior consideração, saúdo-o,
senhor, como quem é

De V. muito dedicado

Ernesto Rudorff

Professor e director da classe de piano e membro do Directorio

ADAMASTOR

Não acabava quando uma figura
Se nos mostra no ar robusta e solida
De disforme e grandissima estatura...

Chamei-me Adamastor e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:

Todas as deosas desprezei do céu,
Só por amar das aguas a princesa:

(CAMÕES, LUSIADAS - CANTO V, EST. 39, 51 e 52)

4.^a PÁGINA

SEGUNDA PARTE

I — Confidencia

1.^a Mazurka

Berceuse

Secia — Fantazia

Piano — Americo Angelo

II — Vi parlamon per mia voce — da opera EURICO

Canto — Ex.^{mo} Snr. José de Brito

III — C'era una volta il sultan — da opera ZAIDA

Canto — Ex.^{ma} Snr.^a D. Stella da
Cunha

IV — Un di Toledo altera — da opera EURICO

Canto — Raul Angelo

V — Mi — La — Re — Sol — Do — *Scher- zettino* para quartetto d'arco

Ondina — *Quintetto* com piano

Moreira de Sá, Joaquim Vieira Pinto,
Nicolino Milano, Mario Vergé
e Virgilio Angelo

5.^a PÁGINA

ONDINA

Poema symphonico inspirado na ONDINA
(FICÇÃO DA PRAIA) de Ernesto Pinto d'Almeida (1).

(A) — *Allegro moderato*

A praia era deserta: o oceano envolto
Em seu verde sendal, dormia a somno solto.
Beijando a fina areia, as ondas, uma a uma,
Se espreguiçavam n'ella em flocos d'alva espuma;
Logo, trocando a neve em liquida esmeralda,
Retomava seu leito.

(B) — *Adagio sostenuto* $\frac{12}{8}$

Era no meio da sesta. O puro ambiente
Que respirava a praia, as frescas auras
Impregnadas do mar, ternos marulhos
Das ondas do fraguedo, tudo invida
A consultar o livro do infinito.

Moderato $\frac{6}{8}$

A sorrir, nua a espalda,
Ondina veio á praia; a seductora imagem
Da deosa do oceano, a emula da aragem.
Ondina, a flôr do mar, quando o mar é de rosas,
Estava alli.

Brincando, as ondas rumorosas,
D'amor as saudações rendendo a graças tantas,
Uma e outra, subtis, vinham beijar-lhe as plantas:
Teimosa como esquiva, a travêssa creança,
Ora ás ondas se furta, ora ante ellas avança.
Depois leda correndo á algosa penedia,
Do seu throno de rocha, olhava-as e... sorria.

6.^a PÁGINA

Adagio sostenuto $\frac{12}{8}$

Os olhos fixos
Na orla do orisonte, ella contempla,
Nos cambiantes do quadro que a rodeia,
Algum céu ignorado, algum sorriso
De mystica sybilla; o vulto estende
No rochedo deserto.—Em breve o archanjo,
Que as flores desabrocha da innocencia,
As papoilas lhe esfolha...

Ondina dorme.

umbrosa nevoa

(1) Estes versos foram extrahidos na ordem em que se
aproveitaram para a composição e não conforme o poemeto que
o leitor encontrará no livro SOLIDÕES.

Se levanta do sul, manto sinistro
 Do phantasma da noite. Em breve cobre
 A longa superficie do oceano,
 E o mar, leão faminto, enfurecido,
 Ululando, se eleva do seu leito:
 E cresce, e cresce

 Subito, incauta, turbulenta vaga
 A virgem despertou.

Moderato $\frac{6}{8}$

.
 Quem a cerca? onde está? a si pergunta
 No auge da afflicção:
 É nas fauces do mar, cercam-n'a abysmos:
 Tenta fugir em vão!

Adagio sostenuto $\frac{12}{8}$

Logo após esta, outra espumosa vaga
 As rochas submergiu.
 Ouviu-se agudo grito... outro mais surdo...
 E nada mais se ouviu...

7.^a PÁGINA

TERCEIRA PARTE

* I — **Fantasia Heroica** — a quatro
 pianos
 Ernesto Maia, Oscar da Silva,
 Americo Angelo e Virgilio Angelo

* II — **Serenata** — lettra de João de
 Deus
Canto — Ex.^{ma} Snr.^a D. Albertina
 Rezende

* III — **Aria da tempestade** — da opera
 ZAIDA
Canto — Raul Angelo

IV — **Cantata a Camões** — N.^o 7 — *Fi-
 nal*

Côro a cincoenta vozes com
 acompanhamento de seis pianos
 e orgão Mustel, sob a direcção
 de Virgilio Angelo.

NOTA

As peças marcadas com * não se executaram
 por ser demasiado tarde. Executou-se apenas
 a **Cantata a Camões** (N.^o 7 — *Final*).

8.^a PÁGINA

CANTATA A CAMÕES

(N.^o 7 — *Final*)

LETTRA DE FRANCISCO BRAGA

Não!
 A patria vive ainda
 Da tua gloria ingente,
 E a sua voz potente
 Celebra o seu cantor!

De cada peito um brado
 S'eleve sonoro,
 Um brado fervoroso
 De culpas redemptor.

Não!
 A patria redivive,
 Bem diz tua memoria,
 Em ti existe a historia
 Do nobre Portugal.

Não!
 Não cai teu povo augusto
 Na lucta mais renhida,
 Em ti tem elle a vida!
 Cantor! és immortal!



CHAPTER 1

THE

OF

THE

THE

THE

THE

THE

THE

THE

THE

THE

THE

THE

THE

THE

THE

THE

**Programa da parte musical, com obras de MIGUEL ÂNGELO,
que se seguiu à leitura do presente trabalho, no Clube Fenianos Portuenses,
na noite de 29 de Abril de 1943.**

*Programa elaborado pelos Ex.^{mos} Srs. Professores J. F. DE ALBUQUERQUE E CASTRO
e FERNANDO LAMARES MAGRO*

PARA PIANO, pelo Ex.^{mo} Senhor Armando Teixeira :

I—E S B O Ç O S

- a) **Confidência.**
- b) **Melodia.**
- c) **Scherzo Árabe.**

II—TRÊS MAZURKAS.

**PARA CANTO, pela Ex.^{ma} Senhora D. Albertina Rezende da Silva Andrade, acompa-
nhada ao piano pela Ex.^{ma} Senhora D. Alexandrina Castagnoli de Brito :**

III—AVE-MARIA.

IV—CANÇÃO DE ABRIL, com letra de Diogo Souto.

V—SERENATA, com letra de João de Deus.

VI—CANZONE D'ABDALLAH, da Ópera « Eurico ».

**PARA QUARTETO DE CORDA, sob a direcção do Ex.^{mo} Senhor Professor Lmares
Magro, e com a colaboração dos Ex.^{mos} Senhores Eng. João Gouveia, Dr. Casi-
miro de Carvalho e Prof. Joaquim Neves :**

VII—MI-LÁ-RÉ-SOL-DÓ, Scherzettino.

biblioteca
municipal
barcelos



16988

A propósito do pianista e
compositor Miguel Ângelo